

**A CRIAÇÃO LINGÜÍSTICA
DE GUIMARÃES ROSA EM *AVE, PALAVRA***

Elvira Livonete Costa (PUC-GO)
elvira-livonete@hotmail.com

RESUMO

A obra literária de João Guimarães Rosa surpreende, encanta e instiga pesquisadores de todas as épocas. Destaca-se, entre outros fatores, pela forma muito particular como o autor compõe suas narrativas e constrói as personagens, todavia chama atenção também a incrível capacidade de criação e recriação lexical empreendida pelo autor em sua tessitura poética. Conhecido como o mago das palavras, João Guimarães Rosa se utiliza dos neologismos como recurso inerente à linguagem para transcender a transparência e superficialidade da língua, abastecendo-se de toda significância e originalidade de uma palavra autêntica e livre da fala desgastada do cotidiano. Fundamentados teoricamente nos princípios e pressupostos da morfologia e lexicologia, lançamos um olhar acerca da última obra escrita por João Guimarães Rosa, *Ave, Palavra*, visando: (1) investigar o processo de criação lexical empreendido em *Ave, Palavra*, de modo a compreender a pluralidade semântica gerada em sua tessitura. (2) Averiguar os tipos de neologismos estabelecidos pelo criterioso método rosiano a fim de verificar a variedade e amplitude de sua escritura. O processo metodológico exigiu a análise criteriosa de vocábulos da língua portuguesa, estrangeira, indígena e português arcaico, visando abarcar a completude do *corpus* dessa pesquisa. Os resultados obtidos revelam que a ação neológica rosiana esvazia a palavra de todo o peso do mundo para preenchê-la com a essência mais pura da linguagem, instaurando a multiplicidade de sentidos que sua escrita alcança.

Palavras-chave: Guimarães Rosa. Neologismo. *Ave*, palavra.

1. Introdução

Entender a atividade criativa de João Guimarães Rosa demanda, entre muitas coisas, de uma análise interpretativa de seus surpreendentes malabarismos linguísticos, uma vez que em suas obras os conceitos são desconstruídos, repensados, desarticulados e reestruturados pela utilização de variados recursos em sua escrita, privilegiando a estilística da palavra, do som, da frase e do enunciado. O neologismo aparece na produção literária rosiana como uma espécie de subversão da matéria linguageira, uma forma reinventada de nomear as coisas de um mundo desgastado pela tagarelice do falar cotidiano, um criacionismo expressivo que transcende o sentido habitual das palavras. Na medida em que mergulhamos nos escritos de Rosa percebemos os labirintos lexicais por ele produzidos, somos impactados pelo turbilhão de sensações que apenas um curto parágrafo pode nos proporcionar.

Onde eu estava ali era um quieto. O ameno âmbito, lugar entre-as-guerras e invasto territorinho, fundo de chácara. Várias árvores. A manhã se-a-sí bela: alvoradas aves. O ar andava, terso, fresco. O céu – uma blusa. Uma árvore disse quantas flores, outra respondeu dois pássaros. Esses, limpos. Tão lindos, meigos, quê? Sozinhos adeuses. E eram o amor em sua forma aérea. Juntos voaram, às alamedas frutíferas, voam com uniões e discrepâncias. Indo que mais iam, voltavam. O mundo é todo encantado. Instante estive lá, por um evo, atento apenas ao auspício. (ROSA, 2001, p. 77)

Alguns críticos e pesquisadores tentam explicar a intrigante produção literária do autor mineiro, geralmente pautados em suas investigações acerca das invenções lexicais e neologismos empreendidos pelo escritor. Entretanto, essa tarefa jamais se finda, porquanto a arte de Guimarães Rosa excede em muito sua perfeita engenharia linguística, pois seu dizer não se dá a partir do lugar-comum, percorre horizontes muito mais vastos, sem limites aparentes, como o próprio sertão-mundo de *Riobaldo* (1994). Sua poesia de convergência busca a reconciliação entre o “eu” e o universo sem se abster de seu fazer poético e a renovação da linguagem. Rosa desorganiza, subverte e desconstrói a linguagem retirando o leitor da zona de conforto. *Ave, Palavra* (2001) carrega consigo o caráter multifacetado e abrangente de um fazer literário caracterizado pelo hermetismo, opacidade e profusão de sentidos abarcados por sua produção literária.

Ave, Palavra (ROSA, 2001) é uma obra montada por João Guimarães Rosa e Paulo Rónai, que reúne 56 textos publicados em jornais e revistas entre 1947 e 1967. Uma “miscelânea”, como era chamada pelo escritor, composta por suas notas de viagens, diários, contos, crônicas, poesias, flagrantes, reportagens poéticas e meditações. A obra distancia-se de suas produções anteriores, visto que foge do ambiente sertanejo e volta-se para o homem, todavia apresenta a mesma magistral qualidade estética e a encantadora elaboração linguística. Rosa já semeia no título de *Ave, Palavra* as pistas do objeto que permeia toda a dimensão poética dos textos, o autor rende à palavra a consagração que compõe a essência de sua escritura.

Ave, saudação de origem latina, abarca o louvor à matéria-prima de todos os textos que recheiam esse livro, em que a erudição e o fascínio pelas línguas estampam desde a capa o minucioso cuidado com a plumagem significativa de sua principal personagem, a palavra. Rosa mostra que é verdadeiramente cidadão do mundo ao descrever ambientes quase desconhecidos de diferentes lugares por onde andou, destacando detalhes com a sutileza incomparável de quem decompõe o mundo por meio dos

olhos da alma. Isto posto, abstrai um lirismo extremo da energia pulsante da palavra por meio do som, da forma, dos sentidos multiplicados e do estranhamento provocado por suas inovações linguísticas. Ele aufere magia e riqueza à sua tessitura fazendo uso do inglês, holandês, russo, alemão e japonês em diferentes partes de *Ave, Palavra* (ROSA, 2001), ademais lança mão até mesmo de línguas arcaicas como o latim e o grego. Alguns estudos publicados no Suplemento Literário do jornal Minas Gerais apontam que o autor tenha cunhado palavras a partir de línguas bastante raras como malaio, sânscrito, persa, hindu e árabe. Sua escrita criativa passeia por diversos idiomas, todavia não deixa de privilegiar a grandiosidade da língua portuguesa em meio a sua ancestralidade indígena.

Ave, Palavra (2001) faz poesia por meio da potência criadora do verbo e refaz o mundo pela poesia, uma “ave” sublime criação rosiana que irrompe em palavra o ser das mais diminutas coisas. Aqui a palavra vela e desvela o lado obscuro do mundo e do homem, anunciando verdades inesperadas da alma, e ocultas aos olhos. Tangenciar o universo dessa obra engendra seguir obstinadamente e sem receio pelas trilhas de uma palavra errante, manifestada unicamente por meio de uma linguagem em estado de poesia.

2. A criação neológica rosiana em *Ave, Palavra*

O ato de criação lexical em Guimarães Rosa foi tão intenso e brilhante que o autor praticamente desenhou uma nova face da língua portuguesa. Seus neologismos nem sempre são fáceis de serem traduzidos, porquanto possuem origens complexas e produzem significado de acordo com o enredo. Apesar de haver dicionários para interpretar suas palavras formadas a partir de sufixos, prefixos, estrangeirismos e outras oriundas do português arcaico, faz-se necessário muitas vezes, destrinchá-las para interpretar tais expressões rosianas. Todas as histórias são entremeadas pelo típico estilo do autor, em que a oralidade é reproduzida na fala de um narrador ativo e presente. O ritmo lento e harmonioso da narrativa é proporcionado pelas constantes frases curtas, truncadas e independentes.

É importante compreendermos o conceito de neologismo e as diferentes formas de elaboração antes de enveredarmos nos caminhos da criatividade lexical de Guimarães Rosa, o que fundamenta nosso material de estudo no momento. De acordo com a linguista Maria Aparecida Barbosa (2001), neologismos são novas expressões ou palavras criadas em

um determinado meio, os quais atribuem um novo sentido a um signo já existente, ou seja, resulta da transformação ou inovação de um termo já conhecido.

O neologismo enquanto fato linguístico e cultural pode ser caracterizado como instrumento de uma ideologia, de um determinado momento da história, tornando assim, signos-símbolos de certas facetas culturais, pois os signos surgem de acordo com as necessidades de um meio social. (BARBOSA, 2001)

A língua possui essa capacidade de adaptação e inovação, porquanto constitui uma estrutura ativa, enérgica e movediça. Prova disso é o fato de que o homem ao longo do tempo vem criando e recriando unidades lexicais que correspondam às suas necessidades de comunicação. Uma palavra criada ou modificada pode surgir no dia a dia, de forma absolutamente espontânea, algumas vezes até de forma inusitada. Pode ocorrer naturalmente, como resultado da necessidade de alguma explicação, definição ou ainda para conceituar algo ainda não conhecido. Mesmo com a resistência exercida pelas normas e regras linguísticas, a forma internalizada de uma língua permite ao homem promover esse processo de elaboração de novos vocábulos.

O processo de criação linguística engendrado por Rosa nos textos de *Ave, Palavra* (2001) transita pelas mais diversas formas de elaboração. Entre os vários tipos destaca-se o Neologismo Semântico, o qual produz um sentido diferenciado a uma palavra quando inserida em algum contexto. Funciona como uma espécie de adaptação, especificação ou modernização dentro de uma língua. Os recursos narrativos utilizados por Guimarães Rosa lançam mão das figuras como representação do mundo, real ou fictício, enquanto os temas são elementos que organizam a realidade. Assim sendo, para compreender a amplitude semântica instaurada pelos neologismos criados pelo autor faz-se necessário analisar o encadeamento do tema e das figuras, visto que estes reiteram-se. Destarte, nesse processo de reiterar-se oferecem algum sentido à expressão recém-criada.

Tal recurso é grandemente empregado na tessitura rosiana como forma de enriquecer a escrita, mas, principalmente ampliar os sentidos por meio de imagens, concomitantemente a uma economia verbal. Retiramos alguns exemplos os textos “Histórias de fadas”, “Sanga Puytã” e “O riachinho Sirimim”, respectivamente.

Eram quinze, num só gaiolão misturados, como florida penca, do melhor sertão. Meu amigo Jensen só sabe informar que eram de qualidades diversas, alguns grandes, da variedade rabo-de-andorinha (*sic*), outros minúsculos, do

tamanho de besouros, mais ou menos. __ E as cores? __ "Variavam, verde e azul predominando. Também, umas mais alegres... Mas, principalmente, cores de metal..." (ROSA, 2001, p. 35)

O sol iça a paisagem, e os campos bailam, rugosos, na luz. Vamos na terra do Amambai, vertente do poente. E, contra o planalto recurvo, o céu tombado, súbito estacam. (ROSA, 2001, p. 42)

O mel também mereja, daquela pedra, junto do lugar que nasce a água. A água vem descendo da pedra, pela face da pedra. Ele nasce ali, é mais um molhado na pedra. Só uns fiapos d'água, que correm pela pedra. (ROSA, 2001, p. 356)

O autor lança mão também do neologismo lexical, o qual introduz um novo vocábulo ao universo discursivo de *Ave, Palavra*. Verifica-se também neste caso os estrangeirismos e arcaísmos inseridos em um léxico diferente. Os exemplos utilizados abaixo se encontram em "Zoo – Jardim des Plantes", "Sanga Puytã", "Cipango" e "Pé-duro, chapéu-de-couro", respectivamente.

O muscardim é o mesmo arganaz-ruivo-dos-pomares: ratinho mignon, cor de tangerina, que faz de um seixo o seu traveseiro. (ROSA, 2001, p. 275).

E em Bela Vista só estão internados três ou quatro legalistas, que, por se afoitarem mais em terreno "blanco" Alguém discorda, reticente: __ "Paraguaio, amigo, é bicho letrado. Não tem nenhum paraguaio sonso, não..." (ROSA, 2001, p. 47)

Surgiram mulher e filha, moça de sorriso fixo, vindo saudar-nos, com aquele xemexe de plenas curvaturas, as mãos nos joelhos. (ROSA, 2001, p. 145)

E são de couro.

Surgiram da "idade do couro".

Os "encourados".

Homo coriaceus: uma variedade humana. (ROSA, 2001, p. 177)

Por meio da Derivação o autor forma novas palavras ao anexar ou suprimir parte de uma palavra ou radical já existente. Ocorre também pelo processo de transformação da classe gramatical de uma palavra. O exemplo abaixo se encontra em *Aquário – Berlim*.

"Do calmo caos, como de cluso fundo-do-mar, entes nos espreitam, compactos, opacos, refratados. Insolúveis, grávidos, todos exuberam. Eles se conformam diante da gente?" (ROSA, 2001, p. 57)

A prefixação ou derivação prefixal exemplificada em “Uns inhos engenheiros” permite observar que um afixo é anexado ao início da base da palavra.

Onde eu estava ali era um quieto. O ameno âmbito, lugar entre-as-guerras e invasto territorinho, fundo de chácara. Várias árvores. A manhã se-a-sí bela: alvoradas aves. O ar andava, terso, fresco. O céu – uma blusa. (ROSA, 2001, p. 77)

Na Sufixação ou derivação sufixal um afixo é inserido no final da base da palavra. O exemplo que segue faz parte do texto “O mau humor de Wotan”.

"Mesmo assim, Marion, loura entre canário e giesta e mais num tailleur de azul só visto em asas de borboletas, hesitava em ceder primaveralmente às gratidões do amor". (ROSA, 2001, p. 21)

A Derivação parassintética cunhada por Rosa em “O homem de Santa Helena” introduz um afixo tanto no início como no fim da base simultaneamente.

Não Napoleão, mas um senhor, claro e bem vestido, com quem conversei, uma tarde, entre 1934 e 1935, no Itamaraty, no Serviço de passaportes.

Lembro-me apagadamente das feições, os olhos; deslembro o nome, de que não tomei nota. Ele se portava muito despreconcebidamente. (ROSA, 2001, p. 97)

Classifica-se um tipo de neologismo originado por derivação regressiva, um processo pelo qual se obtém um substantivo através da supressão de morfemas verbais. Um processo inverso ocorre em “Histórias de fadas” a partir de um substantivo concreto forma-se um novo verbo por sufixação. "Chegam de repente, não se sabe de onde se enflecham para uma flor, que corolas, e pulsam no ar, esfuziantes, que não há olhos que os firam. Riscam retas quebradas, bruscas e são capazes mesmo de voar para traz". (ROSA, 2001, p. 35)

A criatividade de João Guimarães Rosa faz uso também da derivação imprópria, aqui não ocorre nenhum tipo de alteração na forma da palavra, ocorre apenas a modificação de sua classe gramatical dentro da frase, ou seja, transformando um substantivo em adjetivo, verbo em substantivo, etc. Retiramos o exemplo abaixo de “O grande samba disperso”.

Estou alegre de trono, só choro estas poucas lágrimas. Amanhã vou esquecer, depois então vou saber: saudade é chateação, pensamento com cansaço. Saí de lá com o coração muito bandido. Saí, senhor. Ninguém dê notícias minhas. (ROSA, 2001, p. 52)

O neologismo elaborado por Composição forma um elemento linguístico a partir de duas ou mais palavras ou radicais. Ao quais podem ocorrer de duas maneiras diferentes. A aglutinação une duas ou mais palavras ou radicais para formar um novo vocábulo, no entanto isto ocorre através de variação fonética ou transformação na estrutura (acréscimo ou supressão) das palavras oriundas desse novo vocábulo, a este fenômeno chamamos metaplasmo. De acordo com a posição dessa supressão nos elementos formadores classificam-se de: aférese (início), síncope (interior), apócope (final). O trecho a seguir está em “Zoo – Whipsnade Park, Londres”.

O leão, espalha fatal.
As panteras: contristes, contramalhadadas, contrafeietas,
O belo-horror dos tigres rugindo. (ROSA, 2001, p. 93)

A justaposição origina um novo elemento linguístico a partir de duas ou mais palavras sem que isto seja recorrente de alterações dos vocábulos oriundos. Utilizamos a seguir um exemplo retirado de *Zoo – Hagenbecks Tierpark, Hamburgo – Stellingen*.

Talvez à garra de pesadelo, o pinguim quase se cai para trás.
Seu inimigo é o leopardo-marinho.
E há o beijo das garças – qual que terna espécie de esgrima.
O pato, treme-bico. Mas come é com o pescoço
Graças amorosas: penas arrepiadas, facas para o alto, esboçam baile, num estalar de mandíbulas. (ROSA, 2001, p. 162)

O neologismo criado a partir de onomatopeias é um processo grandemente utilizado nos textos de Guimarães Rosa, são palavras e expressões articuladas visando a imitação de sons da natureza, ruídos emitidos por animais ou simplesmente para registrar algum barulho característico, com a intenção de promover maior veracidade e originalidade. Fenômeno bastante observado na escrita literária de alguns autores para proporcionar ritmo, movimento e sonoridade aos textos. Citamos alguns exemplos de neologismos por onomatopeia retirados de “Jardim fechado”, “Recados do Sirimim”, “As garças” e “Zoo – Rio, Quinta da Boa Vista”.

A borboleta ia passando manteiga no ar. A borboleta – de upa, upa, flor.
E... tililique... um pássaro, vindo de vOos. (ROSA, 2001, p. 350).

O Pedro e a Eva sempre escutavam as rãs. As com espécie de assovio, de taquara, de grilo grande, ou a meio desafinada, rouca: – *corrém, corrém, corrém!* A mais, os sapos – de: *tiplão! tiplão! Pão!*... e de: *tum, tum, tum...* – sapos de vários feitos e diversas sonoras batidas. (ROSA, 2001, p. 364).

Até a passar pelos regos e pocinhos da horta, para birra do Joaquim, suspeitoso das verduras, de estragos. – “*Sai! Sai!*” – enxotava-as, ameaçava-as, atrás. E elas, sempre ambas: *jét! Jét!* – já no ar. [...] Já a outra porém se adiantara, tomando o chão: mas não firme, direto, não, se não que feito o urubu, aos três pulinhos – *puf! puf! puf!* – às vezes a gente se assustava. (ROSA, 2001, pp. 374-375).

Suas patinhas, breves, quase não atuam, os movimentos são de cobra, só insinuação. Amiúde bebem, fazem bulha. Ficam de pé – rasga-se seu *ah! – ah! – ahr!* Carnívoras sempre em quaresma: atiram-se aos peixes, devoram levemente. (ROSA, 2001, p. 130).

A partir dos exemplos citados anteriormente destacamos duas classes de neologismos, os vocabulares (criação lexical), que originam novas palavras, e os sintáticos (criação estilística), os quais agem no interior de uma frase, ocasionando diferentes construções frasais em meio ao texto. Guimarães Rosa encontra na criação neológica estilística o modo de renomear coisas e conceituá-las de forma inovadora e surpreendente, todavia são as elaborações semânticas de Rosa que desencadeiam no texto um estranhamento maior devido à profusão de sentidos que desencadeiam no solo poético de sua tessitura. O neologismo semântico associa-se diretamente às inovações estilísticas, porquanto instaura novas possibilidades de interpretação acerca de um significante inserido a uma frase, o qual não estabelece uma relação direta a tal conteúdo. Desse modo os apontamentos que abarcam o universo dessa palavra-símbolo são imediatamente remetidos ao interior de outra estrutura significativa, um contexto distinto que inicialmente não tem relação com o signo introduzido na frase, no entanto é importante ressaltar que este fenômeno adquire sentido exclusivamente no referido contexto.

A neologia semântica se configura então como uma alavanca propulsora da grande ampliação de sentido nos textos rosianos, um processo minucioso em que o autor adota um significado pré-existente na língua e deposita neste uma carga significativa a qual não possui. A compreensão de tais malabarismos demanda de uma imprescindível decodificação dos termos, relacionando-os entre si de acordo com o enunciado em que se inserem para uma possível interpretação textual, uma tarefa nem sempre fácil se tratando do discurso rosiano. O olhar minucioso e a percepção apurada acerca do mundo desperta em Guimarães Rosa essa particularidade ímpar em traduzir o universo à sua volta de uma particular e raríssima forma, em que ele lança mão dos vários tipos de neologismos possíveis.

Os recursos utilizados pelo autor em *Ave, Palavra* (ROSA, 2001) acarretam algumas dificuldades a seus leitores em decorrência de sua peculiar criatividade e transgressão às regras linguísticas. Não obstante ao adentrar este desconhecido território rosiano, somos tomados por um desconcertante encantamento que só poderia ser descrito por uma linguagem também recriada e nova, capaz de refletir todo o deslumbramento desse universo poético. Rosa empreendeu neologismos de quase todos os tipos em *Ave, Palavra* tamanha sua dedicação à língua, contudo sua incansável perseguição vai além da criação de novas palavras para compor seus textos, visto que transborda para a constante e incansável busca pela poeticidade da forma. Entre os vários poemas presentes em *Ave, Palavra*, destacamos um trecho de “Uns inhos engenheiros” (ROSA, 2001, p. 77) para uma ligeira análise acerca da elaboração semântica realizada pelo escritor.

Segue-se-lhes no meneio um intentar, e gerir, o muito modo, a atenção concêntrica - e um jeito proposituído negocioso, de como *demoram o lugar e rabiscam os momentos*, mas virando sempre a um ponto, escaninho, no engalhe da árvore, sob sombra. (ROSA, 2001, p. 78)

Observa-se no trecho acima a presença do verbo intransitivo “demorar”, sabemos que não é possível se demorar “um” lugar, visto que o verbo demorar refere-se a tempo e não a espaço, todavia o sintagma verbal é afetado por uma estranha transitividade verbal em meio à frase. Assim sendo, a insólita descrição das aves nesse verso revela, entre outras coisas, que os passarinhos se retardam na sombra entre os galhos da árvore absorvidos pelo tempo e o espaço. A seguir nos deparamos com o verbo “rabiscar”, uma ação que tomada pelos dicionários significa escrever à pressa, fazer traços mal feitos, essa oração não teria nenhum sentido fora da dimensão literária, porquanto rabiscar é uma ação que se empreende geralmente sobre um papel ou ao menos em uma superfície concreta, e “momento” é um substantivo abstrato referente a um período de tempo. Portanto, a frase “rabiscam os momentos” adquire algum sentido se interpretarmos o sintagma verbal como: voar rápido e sem direção definida. Isto posto, percebemos que Rosa brinca de maneira extraordinária com os sentidos evocados pelas palavras e também com as regras gramaticais que coordenam a estrutura frasal.

Observamos o quanto a língua se revela um espaço aberto em potencial a diversas transformações e inovações linguísticas. Palavras podem ser criadas ou reformuladas adquirindo novos conceitos e ampliando os sentidos para um vocábulo já existente de acordo com a necessidade em questão. A língua é uma arquitetura complexa, entretanto sujeita a al-

terações, e estas são constantemente utilizadas em obras literárias como forma de revitalização e maior expressividade do texto. Guimarães Rosa exterioriza sua ânsia por uma linguagem matinal ao empreender uma saga de criação e recriação linguística em sua tessitura literária. Uma busca incessante, diríamos até angustiante, pela palavra exata que se desvela na magia e expressividade impregnadas em cada frase de todos os textos de *Ave, Palavra* (ROSA, 2001). Sobre esse embate linguístico estabelecido na escritura rosiana, Mariana Santos de Resenes e Rachel Pentalea Leal (2004, p. 36) afirmam: “Torna-se clarividente a profunda exploração dos signos⁷, na sua forma e significado e, sobretudo, a função de ambos”, fato decorrente do esmero e um trabalho árduo em que o escritor perpassa limites e regras da linguagem, tornando-a original e inconfundível. Rosa elabora uma fascinante alquimia verbal, agregando à sua tessitura neologismos, estrangeirismos, arcaísmos, novas construções morfológicas e sintáticas por meio da exploração plurissêmica das palavras e de recursos rítmicos e sonoros.

A ação neológica empreendida por Guimarães Rosa se desvela como um refinamento da linguagem, suprimindo o aspecto denotativo, transparente e desgastado da fala, e suscitando maior originalidade à escritura. Outrossim, a criatividade linguística rosiana promove a multiplicidade de sentidos instaurados no solo poético de *Ave, Palavra* (ROSA, 2001) por meio da economia da palavra. As diversas faces da palavra que constitui a linguagem literária são reveladas por meio da sensibilidade e engenhosidade do autor mineiro, sempre em busca da ampliação de sentidos mediante alterações semânticas inusitadas e impactantes. Rosa trabalha a palavra como um ourives lapida um diamante, ambos só terminam a tarefa quando sua preciosidade reverbera o brilho de seu ser por todos os ângulos. O verbo complexo de Guimarães Rosa, assim como um diamante raro, cintila de tal forma incomparável.

3. Considerações finais

João Guimarães Rosa alicerça sua tessitura poética consolidada em diversos procedimentos, utilizando-se de estratégias linguísticas no campo da morfologia, sintaxe e semântica, o autor demonstra especial

⁷ Ferdinand Saussure define o signo linguístico como a união do sentido e da imagem acústica, na qual se estabelece uma relação de oposição entre significado (plano das ideias) e significante (plano de expressão). O estudioso compara em *seu Curso de Linguística Geral* (1969) que o signo linguístico se assemelha a uma moeda, “uma entidade psíquica de duas faces” (p. 80).

encanto pela magia criadora da palavra a partir dos sentidos possíveis que esta pode instaurar em meio à sua obra. Verificamos que a criação neológica rosiana abarca diversos olhares e algumas possibilidades, devido à pluralidade de sentidos que comporta a palavra literária e também às inovações linguísticas empreendidas pelo escritor, todavia é necessário salientar que suas criações não permitem toda e qualquer interpretação, visto que algumas marcas já se inscrevem ao longo da obra propiciando a unidade textual e restringindo as infundáveis significações.

A intensa criação neológica rosiana demanda da competência literária do autor, a qual garante um texto bem estruturado ao invés de um emaranhado de frases sem nenhuma relação entre si. Em vista disso, *Ave, Palavra* (ROSA, 2001) reverencia o vigor e a supremacia da linguagem poética, aliando a estrutura complexa da língua à significância da palavra, por meio da estreita relação entre a linguística e a literatura.

A investigação das instâncias de criação linguística de João Guimarães Rosa se dá a partir das relações com a linguagem como produtora de sentidos ilimitados em meio ao espaço poético de *Ave, Palavra* (ROSA, 2001). Para isso, o autor, fascinado pelo poder misterioso e estranho das palavras e coordenado pelo pensamento e concepção poética contemporânea, utiliza-se dos “instrumentos” linguísticos – fonemas, morfemas, palavras, sentenças – para transcender a língua comum e, assim, emitir os balbucios de uma poesia que excede os sentidos e a compreensão do homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Maria Aparecida. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. vol. I. 2. ed. Campo Grande: Edefms, 2001.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37^a ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1992.

CARDOSO, Elis de Almeida. A poesia: escolha lexical e expressividade. In: GIL, Beatriz Daruj; CARDOSO, Elis de Almeida; CONDÉ, Valéria Gil. *Modelos de análise linguística*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 67-77.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. ilustrada. São Paulo: Global, 2002.

GONÇALVES, Aguinaldo José. O legado de João Guimarães Rosa. Dossiê 30 anos sem Guimarães Rosa. *Revista USP*, n. 36, p. 6-17, dez.1997-fev.1998, São Paulo. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26933/28711>>.

ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

RESENES, Mariana Santos de; LEAL, Rachel Pentaleana. *Um mergulho perscrutador no universo onírico joyciano*. Ensaios. Florianópolis. UFSC, n. 2, p. 35-78, dez. 2004.

ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Nova Aguilar, 1994.

ROMANELLI, Rubens Costa. *Os prefixos latinos: da composição verbal e nominal, em seus aspectos fonético, morfológico e semântico*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1964.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad.: A. Chelini, José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1969.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

VIARO, Mario Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2010.